

# TRAZZÃO

Director e Editor: — LUÍS FILIPE COELHO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 50 do 3.º Ano

Redacção e Administração: — Rua Trindade Coelho, 27

Guimarães, 31 de Dezembro de 1926

Composto e Impresso na Tip. de «A Tradição» — FAFE

## ... O Padre ... que se enforcou!

Quando a notícia, descomposta e aflita, chegou à minha casa, eu senti uma como que martelada na cabeça — o contundente efeito das desgraças que mais nos comovem e constriam.

Instintivamente senti vontade de ir para a rua, juntar a minha voz e a minha piedade à alma dolorida do povo — correr atrás da minha dor e da minha curiosidade para fazer a reconstituição do — a essa hora — crime hediondo perpetrado profanamente às portas dum sacrário aberto!

Só às portas da noite a tragédia tomou as justas proporções de um drama, levando-a eu, essa noite, em bruxuleos abruptos, o sono aos socólões, a focalizar no ecran da minha imaginação febril a imagem viva e real do desventurado padre que se enforcou. E o véu de sombra e de mistério dessa noite dando mais sinistra espectralização às ideias e às imagens que em ronda funambulesca me prepassavam pela mente, mais faziam avultar para a minha piedade o drama horrível desse padre hiper-sensível, esmagado em sua consciência pelas derrocadas formidáveis dos seus pensamentos, abroquelados e aflitos!

Quando após a minha noite escura de fantasmas o novo dia se elaborava, eu sentia como que uma tenaz de ferro a apertar-me a cabeça — de pensar no grande desvairo do padre ingénuo e manso que se enforcou.

Tão funda foi, em verdade, a impressão de mágoa que senti que, ainda agora visiono, o desventurado, sózinho na sua cela paroquial de S. Domingos, acicatado num ímpeto de fera por presagos e nostálgicos pensamentos vindos dos longes da sua descuidada infância, até àquêle psíquico momento em que uma onda de sangue latejante lhe confundiu num florilégio de fogo o equilíbrio das ideias e o jogo dos raciocínios, projectando-o num pandemónio horrível de tortura agónica, num verdadeiro inferno calcinador dos nervos e das entranhas.

E é então que o inexperiente e indefeso padre, alucinado e doído, corre em busca de uma corda, lança-a à travé da sua cela solitária e muda, sobe a uma caixa; forma o laço corrido dos marinheiros, firma-a sobre o pescóco nudo e... enforca-se!

Entretanto, um côto de vela — única testemunha viva e crepitante que lhe assiste — foi-se indiferentemente derramando, alumiando esta scena de tão pungente dor!

Porque foi que tamanha tragédia sucedeu?  
Não importa verdadeiramente sabê-lo. O que importa — porque, só o que nos comove im-

## TRANSCREVENDO

*As scenas de selvageria continuam com toda a impunidade na infeliz terra italiana. O terror é cada vez maior em todos os grandes centros da Itália, onde, praticamente, desapareceu a inviolabilidade do domicilio, o direito de critica aos actos do governo e mais, até o legitimo direito de censura do trabalho dum simples funcionário fascista, sob pena de 15 anos de prisão e confiscação de bens.*

*A vida intensa, alegre e ruidosa dos cafés desapareceu em Itália, completamente, para dar lugar a um ambiente de receio, desconfiança e terror.*

*Quando um fascista de camisa negra surge em qualquer lugar públ'co, toda a gente treme: é um agente do terror que se aproxima, é um lacão do Cesar, sempre pronto a servir o dono, mesmo que seja preciso cometer a maior ignomínia.*

*Na pequena cidade de Neran vivia um pintor, pai de três lindas creanças. Porque cometeu o crime de dizer que não compreendia como Mussolini saia indemne de tantos atentados, foi massacrado e arremessado a um rio, onde morreu afogado. Etc., etc., etc.*

*Transcrevemos do jornal «O Sol»:*

*Exílio, confiscação de bens, massacres, assassinatos, cárcere, etc; tudo o que Sila inventou contra os seus contrários está em vigor na Itália de Mussolini. «O que se passa na Itália é verdadeiramente horripilante e contribui para que este país seja alvo da piedade e do desprezo dos outros povos. «De desprezo pelos governantes, de piedade pelos governados, diz o deputado croata Raditch».*

*De tudo isto se desprende que aquela imprensa que em Portugal vem fazendo a propaganda da ditadura, com encomios a Mussolini e louvores ao fascismo, anda muito arredada da verdade e mente quando afirma que a Itália está de alma e coração com os fascistas.*

*Se assim fôsse, se a Itália se tivesse integrado nas teorias polit'cas do seu ditador, não averia necessidade de pôr em vigor leis de excepção. Se assim fôsse, na imprensa de todos os países não apareceriam, quasi diariamente, longos relatos de atrocidades praticadas pelos tiranetes e seus aventureiros contra os seus adversários polit'cos. Se assim fôsse, se toda a Itália pensasse como o despota, a opinião seria livre, a imprensa seria livre, a liberdade de pensamento e de consciência não estaria banida. Se assim fôsse, ninguém atentaria, mesmo a fingir, contra a vida de Mussolini, e a paz reinaria entre os italianos. Pois, não é lógico?... A que vêm, portanto, os longos panegiricos e os descarados panegiristas, quando, por esse país fóra, semeiam ideias falsas a propósito do fascismo e do seu chefe?*

*Qual o intuito daquela imprensa que, sabendo que os jornais italianos só dizem o que os fascistas querem, se limita, para ilucidação dos seus leitores, a publicar excertos, favoráveis uns, de assentimento outros, à obra do fascismo?*

*Qual a razão que leva certa imprensa portuguesa a mandar enviados seus à Itália com a missão de entrevisteiros de fascistas de alto coturno? E' isto leal, é isto honesto?*

*Felizmente para nós, os últimos acontecimentos, que tanta repercussão tiveram nos centros polit'cos da Europa, vieram pôr a descoberto tudo o que há de desumano e de nefando na obra de Mussolini.*

*Não há, já agora, ditrambos que possam esconder aquela pustula social.*

porta à nossa sensibilidade e piedade! — é saber que esse padre alucinado não teve a antepôr-se-lhe ao desalento uma voz amiga; um murmúrio interior; um roçar de bondade que o detivesse na boca desse pélagos que o atraía, como se uma terrível mão fatal para o fundo abismo o empurrasse!

Ai, se ao menos a imagem internecida de sua mãe lhe adesses pela mente escaldada e cachoante; se ao menos um anjo tutelar, subreumansado lhe ciciasse uma palavra de resignação e de conforto, nesse minuto supremo e desolador em que a razão e a consciência, a coragem moral e o sentimento augusto do perdão o abandonaram, — ai, então a esta hora não teríamos lugar para chorar a desdita do pobre padre que se enforcou!

Sim, éle, o desgraçado, como

se fóra um monstro de pecado e abominação — foi impellido por tamanha desventura que, nem a fé, de que era professo representante; nem a esperança, o último refúgio dos desamparados; nem a caridade, que tem balsamos redentores para todas as chagas do sofrimento humano, nada veio ter com éle, à sua cela paroquial de S. Domingos!

E, contudo, eu não ouvi ainda dizer-se: que éle, o sem-amparo, fôsse mau padre e mau cidadão, antes um clamor de vozes se ergue em piedade e em lágrimas, bendizendo-lhe as virtudes de bom pastor.

Porque, pois, foi assim tão abandonado às forças indúmitas de tão cruel fatalidade?!

Que drama intimo era o seu para nem sequer lhe ser lícito morrer... ao menos como a maioria dos desgraçados?!

Se me é dado ter a intuição

exacta das suas desventuras na vida; se concebo o sentido da sua estranha psicologia, ainda assim não alcanço o fio lógico da sua derrocada, tão mórbida, tão feroz, tão exterminadora se me afigura.

Lembre-mos que este desventurado nem sequer se despediu da vida com duas palavras áridas e secas que lhe servissem de testemunho à morte; duas palavras que, como um grito, um ai, um queixume, tentassem uma justificação ao seu acto de desespero — ainda até mesmo que delas saísse para as almas frias a projecção do absurdo!

Ele preferiu — quem sabe com que estranho individualismo e ainda mais perturbadora razão! — fechar-se por dentro com o seu ígnima, com a sua desolação, com a sua dor e... enforcou-se!

Horrível!

## ... Vamos ter ... um hotel moderno?

No dia 4 do corrente mês, na sala nobre da Associação Commercial, desta cidade, realizou-se uma reunião de industriais, capitalistas e negociantes, cujo fim se explica pelas deficiências existentes em Guimarães e que vem provar amor por este soberbo rincão — o amor pela terra que lhes foi bérço.

Debateram-se várias questões e, entre estas, deliberaram a montagem dum hotel moderno com o conforto indispensavel ao *touriste* e que venha preencher a enorme lacuna que urge acabar.

Foi nomeada uma comissão para levar a cabo tal empresa e, de esperar é, sendo composta pelos vimaranenses Srs. Alvaro da Costa Guimarães, João Rodrigues Leureiro, Dr. João Rocha dos Santos, Domingos Martins Fernandes, José Meades Ribeiro Guimarães, Francisco Matos Chaves e José Gonçalves, que este indispensavel melhoramento se efective dentro em pouco e que Guimarães possa prosseguir na senda do progresso a que tem já.

Os nossos frementes aplausos e o nosso apoio incondicional de mistura com o maior desejo de prosperidades.

Não consigo, por mais que queira, desviar de mim o tetrico espectáculo desse corpo envolto numa batina negra de sacerdote, pendurado dum corda, como que a espantar a vida, mostrando a sua inutilidade!

Horrível!  
Que estas minhas palavras lhe sejam humilde preito à memória honrada — votivas e piedosas palavras de quem ainda há poucos dias lhe apertou a mão olhando-o com simpatia na sua mocidade tão prometedora.

Passaram agora à minha porta alguns carros, a caminho do Hospital, para acompanhar ao Campo Santo da sua aldeia o bom e desventurado padre que se enforcou.

Não dobraram os sinos e nem tamponco junto do seu coval um colega no sacerdócio lhe entoará, talvez, a ladainha dos mortos. Embora!

A terra de Deus generosa e boa, ha-de do mesmo modo fazer florir à sua volta as lágrimas e as saudades.

A piedade da gente que o conheceu e o amou, saberá substituir a ausência do rito católico que não lhe assistiu.

Não discutamos.  
Paz aos mortos!

A. L. de Carvalho.

: Este numero foi visado :  
pela Comissão de Censura

# CONVERSANDO

«As consequências desastrosas da nossa desunião (refere-se aos republicanos) estão aí á vista, na triste eloquência dos factos, que não sofrem desmentidos».

São de Marques Guedes estas palavras e por nossas as podemos tomar, tantas as vezes que aqui temos feito a acusação nelas contida. Ai ficam de novo em fôco, para que nelas pensem os piratas da politica.

Um conselheiro velho estilo não seria tão enfático em seus dizeres, nem qualquer Acácio do velho regime encontraria melhores termos para fugir ás responsabilidades e á verdade. Para que se veja o desplante e o ardid—que até parece de sopeira literata—repefinos o que aqui escrevemos: Os chefes democráticos de algumas terras julgaram-se no dever de secundar os esforços de certas comissões incumbidas da defeza dos interesses dessas terras; o chefe democrático cá do burgo afastou-se delas. Comentários, não os fizemos, nem os faremos agora. Parece que o simples arquivo do facto bastou para irritar a sensibilidade politica dos de «A Velha».

Era caso para indagar se as razões que apresenta do seu lado seriam melhores ou piores do que as que do outro lado podem apresentar. Por outras palavras, para evitarmos divagações: Quem procedeu bem, o democrático que acompanhou essas comissões, ou o que as não secundou?

Pão, pão—queijo, queijo. A Camara daria um bom exemplo aos munícipes, se tratasse de remendar o seu próprio caleiro. Vamos a vêr isso.

E' preciso que a Camara pense em prestigiar os seus zeladores. Só assim será eficaz o seu trabalho. Auxiliá-los a cumprir o seu dever e garanti-los nas consequências do dever cumprido. E' preciso que esse modesto funcionário conquiste o respeito a que tem direito e, de uma vez para sempre, deixe de sêr alvo das zombarias de quem quer que seja.

Não haverá posturas que obriguem os proprietários de certas casas cidadinas a lavar e pintar os seus prédios? Era higiênico e bonito. Muitas vezes, da simples caiadela depende o aspecto de uma rua, ou de uma praça.

Não há coisa que mais me repugne, que mais me-

lndre a minha intelligência e a minha consciência, do que o dogma. Creio mesmo que, perante êle, todos têm o direito de se revoltar e insurgir. Há-de sêr por isso que eu tenho na mesma conta os breves de certo ministro e as objurgatórias dos pontífices de «A Velha».

Sua excelencia o ministro da Justiça vem dizer que as suas leis em matéria religiosa são tão boas que até o snr. Patriarca as elogia. Olha a admiração! Elas até parecem feitas por qualquer doutor da igreja...

O mesmo expoente politico afirma—ou li mal—que a sua lei de imprensa é das melhores da Europa. E'. E tanto é que foi preciso inventar a Censura para a aclarar.

Dizem as más linguas que o snr. Ministro das Finanças, o que deixou as convicções em casa para prestigiar a República, não tem feito nada de vulto. Se não fez, vai fazer. Dizem os jornais que o illustre titular vai fazer uma viagem a Londres. Boa viagem.

Aquilo por Itália é um mar de rosas. O fascismo caminha, rompante e firme, na senda da tirania e as leis de excepção succedem-se com incrível rapidêz. Só há fascistas em Itália, e o Vesúvio e o Etna roncam hossanas e hinos ao *duce* e á *su padre*. As sciências e as letras, as artes e as batatas, tudo está *fasciando*, tudo anda de camisa negra, de ópa negra, como não se que irmanlade em dia de proeissão de espavento. Um mar, um oceano de rosas... e de camisas! As mulheres caíem de cócoras deante de Mussolini, e os meninos e as meninas, e as fontes e os passarinhos, e as arvores e as rochas, os rios e os lagos, os pinaros das montanhas e os fundos dos vales, tudo, enfim, veste camisa negra em homenagem ao Cesar romano.

Falta sabêr se será simpatia pela ideia, ou luto pelas suas vitimas. Tartufos!

A maior manifestação da ignominia em que caímos está nesses vergonhosos papéis que para aí correm, cartas anónimas de garotos a escorrer ódio e calunia sobre o caracter de alguns homens públicos. Uma vergonha, um crime, que, se não arripia de nójo certos larvados de cara estanhada e contos ao pescoço, causa asco a pessoas criteriosas.

Se podem acusar de erros ou crimes os políticos que visam, façam-no com provas.

O contrário é desumano, é cobarde e infame. Uma situação politica que conta com tais defensores cai no ridiculo, se mais fundo não caír. Para essas víboras é que deviam ser creados os censores, se a moral não fôsse um mito.

Tem de se pôr cõbro a isto que, se a todos fica mal, mais mal fica aos que teem a obrigação absoluta de punir tais delitos.

Escandalos para aqui, escandalos para ali e, afinal, nada de provas. Embandeiravam em arco os talassas na esperança de encontrar parceiros na desdita e, no fim de contas, sai-lhes o jôgo inutil.

A parte um parlamento ôco e improdutivo, que nem fez, nem deixou fazer, um parlamento empata, como tantos da monarchia, a escandaleira em que cavalgavam os preopinantes da ditadura foi chão que deu uvas.

Que aproveitem com a lição os republicanos, que sem vergonha se fizeram êco da cantilena dissolvente dos adversários da Republica.

Vai fazer uma avenida em... não sei onde, aí para uma aldeia do concelho.

Uma avenida ampla, com corêto no meio e *marquise* aos lados. E, ainda por conta da Camara, será contratada a banda da Guarda Republicana para, aos domingos, dar dois dedos de música clássica aos favorecidos. Estes intrusos...

Mas, descansem. Os de «A Velha» vão estudar o caso, vão autopsiá-lo e, depois, falarem. E' de crêr que, em vez de música em... Pão Pires, haja insultos em... Guimarães. E' da praxe

Começamos a usar aqui o termo violento quando a isso nos vimos forçados pelas diatribes e insultos dos nossos antagonistas. Antes disso não. Já aqui demos leve amostra da arrietal correção com que temos sido tratados. Neste caso, só nos resta dizêr que nenhum cão nos morderá sem que lhe quebrems os dentes.

Era duma vez um homem que tinha um cão. E cão era êle que não consentia que alguém se chegasse ao dono com maus modos.

Dedicado, amigo, até mais não. Vai, depois, le que se havia de lembrar o dono do cão?... Prendeu-o á porta do quinteiro e para ali o deixou ficar, por desleixo, dizem uns, para não ouvir mais queixas de amigos e visinhos, afirmam outros. E para ali ficou o bicho até rebentar de fome. E' o que acontece a todos os cães.

O caso de que para aí se fala, faz-me lembrar um ou-

## Cantatas, amigo!

«O Comércio de Guimarães» estranhou que nos insurgíssemos contra a Autoridade pela substituição, por monárquicos, de 4 Junias de Frêguesias, de seguida dizendo que se a Autoridade os escolheu foi porque lhe mereceram maior confiança do que os outros...

Cantatas, amigo! Sidónio também chamou a si os monárquicos e vêr a tração que lhe promoviam e que já o levava a vir uma vez mais ao Porto... Mas, vamos ao caso.

Leiam: «Nós abaixo assinados, membros da Comissão Administrativa da Junta de Frêguesia de Caldeas, do concelho de Guimarães; declaramos sob a nossa palavra de honra, para produzir todo e qualquer efeito legal e mostrar onde conviêr, que somos republicanos com a actual situação e seremos sempre em todos os trances difíceis que a República possa ter, defendendo-a, se necessário fôr, de qualquer ataque que contra a mesma appareça. Caldeas, 4-12-926, e segue as assinaturas e o reconhecimento».

Que primôr! Que camaleões! E que riqueza de confissão! O grifado por nós mostra bem os reservados intuitos dos membros da Junta...

E fiquem-no sabendo: os outros fizeram o mesmo.

E' verdade. E já que falamos nos outros, aproveitemos a maré para matar 2 coelhos duma só cacetada: A questão de Sande (S. Lourenço).

Como se devem lembrar ainda, em o nosso n.º 46, historiamos a demissão da Junta desta última frêguesia e o caso da interdição da capela de S. Braz e o da excomunhão do Presidente da Junta demitida e do republicano que teve a petulancia de entrar á Capela.

Sem... agua vai; o pai, do padre é alcandorado a Presidente da Junta de sociedade com o *trauliteiro* António Mendes Pinheiro, e sem benzedela alguma, sem qualquer ordem do superior eclesiástico, a capela abre-se e reza-se lá missa!

Que processos são estes!? Então brinca-se á mentira?! —Saibam-no, caros leitores:

O Presidente da Junta demitida era tão máu, tão anti-religioso e tão violador de coisas sacras, que, anos a fio, foi êle quem arrendou o *passal* para o padre da frêguesia usufruir os seus proventos e nunca, por isso, lhe levou dez reis.

*Mentirosos! Tartufos!*

tro, dado há tempos ali para cima, a nascente da ciga le. Linda, sadia, forte, o sol ao nascer encontrava-a já no prado, e a cotovia não era mais alegre e mais pronta do que ela nas saudações á aurora. Lo ra, coradita, tinha o riso franco das consciências tranquilas, o olhar limpo das almas candidas. Um dia, a cruz da vida caiu-lhe nos hombros com as juras falazes dum garoto.

Não mais cantou a pobre-sinha que, na ancia de encobrir a desonra, de fugir ás bocas do mundo, foi pedir paz para a sua dôr, fim para o seu desespero, ao braço musguento de carcomido castanheiro. Coitada. Dizem até que lhe negaram a terra santa do cemitério.

P. P.

## EDITAL

José Maria Gomes Alves, chefe da Secretaria da Camara Municipal do Concelho de Guimarães

Faço saber, nos termos e para os efeitos dos Artigos 11 do Código Eleitoral—Lei n.º 5 —e 1.º da Lei n.º 294 de 20 de Janeiro de 1915, que o periodo para a inscrição no recenseamento politico no proximo ano de 1927 começará no dia dois de Janeiro e terminará no dia 28 de Fevereiro de 1927, podendo inscrever-se como eleitores, além dos que ficam do anterior recenseamento por terem a capacidade eleitoral exigida pela Lei, todos os cidadãos do sexo masculino, maiores de vinte e um anos ou que completarem essa idade até 8 de Julho de 1927, que estejam no gôso dos seus direitos civis e politicos, saibam lêr e escrever português e residam no território da Republica Portuguesa, pelo menos, 6 meses na frêguesia por onde requerem.

Os requerimentos para a inscrição no recenseamento deverão mencionar:

A filiação, estado, profissão, naturalidade, dia do nascimento dos requerentes e local onde foi feito o respectivo registo, e, ou ter a letra e a assinatura reconhecidas por notário, ou serem escritos e assinados perante o presidente da junta da frêguesia das suas residências, o qual pela sua honra atestará a seguir que assim o foi pelos próprios requerentes, perante duas testemunhas, eleitores de frêguesia, que o assinarão também.

Serão instruidos com atestados da mesma junta ou do Regedor, que prove residirem os requerentes há mais de seis mezes na frêguesia por onde requerem a sua inscrição.

Os requerimentos e documentos são todos isentos do impôsto do selo e de quaisquer emolumentos ou salários, desde que sejam sómente passados e aproveitados para o fim eleitoral.

E para todos os fins legais se publica o presente que vai sêr afixado nos lugares do costume e em dois jornais da sêde deste concelho.

Guimarães, 23 de Dezembro de 1926.

O Chefe da Secretaria,

José Maria Gomes Alves.

Lêde e propagai

«A RAZÃO»